



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**OS USOS GEOPOLÍTICOS DA IMAGEM TÉCNICA: AS
INTERVENÇÕES NO RIO SÃO FRANCISCO NA ERA DO
DESENVOLVIMENTISMO AUTORITÁRIO**

Elson de Assis Rabelo*

O início dos anos 1970 se configurou como momento chave para a consolidação do regime civil-militar, no Brasil. Ali, o vigor político da ditadura se afirmava, não apenas no plano do governo e da grande política, mas em largos estratos da sociedade, a partir da retomada do desenvolvimentismo, sob a centralização do Estado e a ingerência do capital internacional. Com base na mítica do planejamento, foram redirecionadas as políticas territoriais, as formas de produção de espaços e as práticas econômicas no país. Não sem conflitos, o regime se legitimava ancorado numa multiplicidade de interesses, questões e contradições internas de uma época, quando o Brasil se via dominado pelas ideias de otimismo e esperança no progresso. Grandes mudanças espaciais e culturais se processavam, incluindo o crescimento das cidades até a inversão da proporção demográfica entre rural e urbano no país, o aumento da eletrificação, os investimentos em educação e a chegada de determinados produtos culturais, como a televisão, a espaços e classes sociais que sequer os tinham visto¹.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

¹ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (col. O Brasil Republicano. vol. 4).

Quais terão sido, então, os papéis jogados pelas imagens na construção da política e na reprodução de determinada hegemonia junto a largas faixas da sociedade? Se durante certo tempo, a historiografia veio a enfatizar a censura aos meios de comunicação e as tentativas de resistência ao regime, só recentemente veio a ser analisado o lado “positivo”, isto é, produtivo do poder no que diz respeito ao estímulo à produção e aos usos das imagens da imprensa, da fotografia, dos cinejornais e da televisão para a propaganda política. Esses usos, sem dúvida, se davam de forma indireta e difusa, por vezes aliando a propaganda à publicidade comercial ou ao fotojornalismo, a par de certo olhar realista reelaborado depois dos anos 1960. Em outras palavras, longe de apenas coibir os meios de comunicação por meio da censura, as formas de dominação do regime autoritário também se valiam do estímulo à veiculação de textos os mais diversos, visuais, sonoros e escritos, para a constituição do sensível, com vistas à consolidação de uma hegemonia com amplo alcance social².

Este texto aborda essas questões a partir de um recorte temático que problematiza a dimensão visual da configuração dos espaços brasileiros, particularmente das espacialidades do rio São Francisco, cujas transformações foram acentuadas pelo regime civil-militar, ao longo dos anos 1970. Nessa reconfiguração, procuramos compreender como as imagens, em diferentes suportes e campos de enunciados, eram investidas de usos políticos que iam da localização das paisagens e dos habitantes à divulgação de práticas sociais, o que situa a produção de imagens entre as práticas de espaço, numa dimensão geopolítica³. Assim, diante de uma vasta iconosfera, nossa análise se deterá em um pequeno grupo de imagens técnicas, de feições distintas, procurando dar conta das instâncias de sua produção, dos enunciados que veiculavam e de alguns significados possíveis para aquela reconfiguração espacial.

² Ver KOSSOY, Boris. Mídia: imagens, ideologia e memória. In: _____. *Os tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007. p. 124-127. FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 49. 84. 86; SILVA, Jaílson Pereira da. *Um Brasil em pílulas de 1 minuto: história e cotidiano em publicidades das décadas de 1960-80*. Recife: UFPE, 2010. p. 155-174.

³ Cf. ALPERS, Svetlana. O impulso cartográfico na arte holandesa. _____. *A arte de descrever*. São Paulo: EDUSP, 1999; TAGG, John. La ley sanitaria de Dios: erradicación de viviendas insalubres y fotografía en el Leeds de finales del siglo XIX. In: _____. *El peso de la representación. Ensayos sobre fotografías e historias*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005; MAUAD, Ana Maria. A inscrição na cidade. In: _____. *Poses e flagrantes. Ensaio sobre história e fotografias*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

1. O FOTOJORNALISMO E O NOVO REALISMO DA PAISAGEM

A foto com que iniciamos nossa análise é de uma paisagem recorrente nos relatos de viagens, nas pinturas, gravuras e fotografias, isto é, um lugar comum a respeito do rio São Francisco: a Cachoeira de Paulo Afonso. Desde as iniciativas do industrial Delmiro Gouveia de gerar eletricidade com a força das quedas d'águas para impulsionar suas fábricas de têxteis – iniciativas frustradas por seu assassinato – o olhar sobre esse espaço vinha havia começado a se transformar, no sentido do abandono gradativo das perspectivas românticas, naturalistas e deterministas, em direção às apostas ditas de “aproveitamento do rio” pela construção de barragens, o que lastreou, dentre outras práticas, a criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), nos anos 1940.

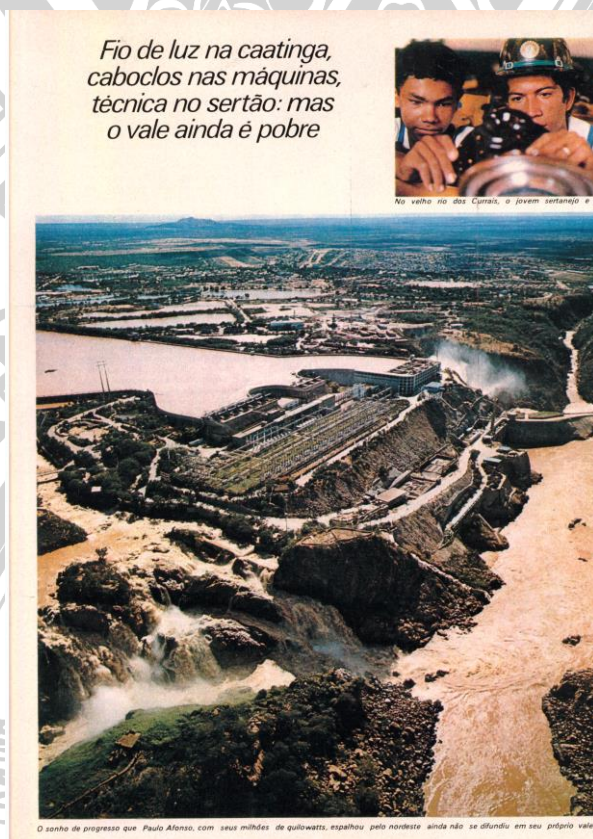


Figura 1

A Cachoeira e a Hidrelétrica de Paulo Afonso. *Realidade*. São Paulo: Abril, ano VI, n. 72, mar. 1972. p. 98.

No caso da foto em questão, ela foi comprada à revista *Manchete* pela revista *Realidade* para compor sua matéria de capa de março de 1972, a mais longa e abrangente do fotojornalismo nacional sobre o rio, intitulada “O Vale da Esperança”. O fotógrafo encarregado era o francês Jean Leopold Solari, de modo que apenas excepcionalmente

fora usada uma foto que não era de sua autoria. A edição da matéria, sob a responsabilidade do jornalista Audálio Dantas, procurava fazer jus ao que dizia a capa, qual seja de levar ao público “mapa completo do São Francisco”, tendo os repórteres viajado por diferentes trechos do curso fluvial, nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, até a foz, entre Alagoas e Sergipe.

Cabe indicar que o nome da revista *Realidade* tem muito a ver com o momento em que ela surge e em que são produzidas suas matérias de grande impacto, como as edições Realidade Amazônia e Realidade Nordeste. A categoria de realismo que está no nome da revista, e era comum à imprensa, se redefinía após as inovações tecnológicas e culturais dos anos 1950 e 1960, que vieram marcar a segunda metade do século XX, e entre as quais se incluíam as conquistas da medicina e as viagens aeroespaciais⁴. Na medida em que todo realismo se constrói retoricamente, pelas práticas socialmente situadas de produção de sentido, de condensação ou de enfrentamento das relações de poder, esse modo de ver, quando produzido e veiculado pelo fotojornalismo, pretendia desbravar desde os espaços fisiológicos da vida intrauterina e dos “segredos da mente humana” até o âmbito geopolítico, dos países socialistas e dos vizinhos da América Latina. Isso explica porque esse novo realismo se prestou a muitos usos políticos nesse momento, como aqueles ligados ao conceito de desenvolvimento, agenciado pelos governos militares, no Brasil⁵.

As imagens técnicas tinham centralidade em tal elaboração, integrando uma abrangente iconosfera, que exibía os resultados das políticas e investimentos do Estado no campo e nas cidades, nas cinco regiões do país, nas diferentes áreas (abastecimento, transportes, energia, infraestrutura, políticas culturais), numa abordagem totalizadora. Construindo narrativas visuais, essas imagens eram usadas como dispositivo de conexão entre os espaços, de sondagem sobre seus recursos e possibilidades, ao tempo em que divulgavam as práticas do Estado neles implantadas. Imagens como a da Cachoeira de Paulo Afonso domesticada pela hidrelétrica ajudavam a compor um painel do “Brasil

⁴ Cf. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Deslumbramento e susto. In: _____. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 49-96.

⁵ TAGG, John. *El peso de la representación*. Ensayos sobre fotografías e historias. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. p. 10. 128-133. Sobre essa categoria no fotojornalismo, cf. FONTCUBERTA, Joan. *Indiferencias fotográficas y ética de la imagen fotoperiodística*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2011. p. 23-31.

grande”, visível para a sociedade, e capaz de afirmar a hegemonia do regime político, em sua capacidade de mover-se “pra frente”⁶.

O São Francisco, que fora chamado de “rio da integração nacional” desde o final dos anos 1930, depois da eletrificação, seria também um elemento da construção do “Brasil potência”, que era resultado da intervenção urgente e grandiosa, seja do Estado, seja da iniciativa privada, como nos vários exemplos de grandes construções espalhadas pelo país, tais como as rodovias Transamazônica e Belém-Brasília, o chamado “Y Rodoviário” do Nordeste, a ponte Rio-Niterói, o metrô de São Paulo, os estádios de futebol em muitas capitais e as barragens nos rios. O entusiasmo na divulgação dessas práticas remetia a uma tradição de otimismo constantemente reinventada pelas elites brasileiras, e desta vez atualizada a cada governo militar, através de variados recursos de mídia e de linguagem, tanto nos momentos do “milagre econômico” quanto depois dele, com a crise internacional do petróleo, de modo a escamotear a situação política de uma ditadura violenta e os demais problemas sociais⁷.

A legenda da foto da hidrelétrica menciona o “sonho do progresso” que Paulo Afonso difundia por todo o Nordeste, com seus milhões de quilowatts. Acima da foto da Cachoeira, outra foto, de operários manejando máquinas, destoa das representações tradicionais sobre os habitantes das margens do rio e suas precárias condições sociais, que são mostradas páginas antes, na mesma matéria, e os vinculam ao universo da pobreza e do subdesenvolvimento. Essas fotos que mencionamos estão localizadas na página 98 da edição da revista, cuidadosamente diagramadas para figurarem em uma parte do texto que, evolutivamente, narra a chegada das transformações ao Vale do São Francisco. A partir de então, imagens grandiloquentes de fábricas e campos de irrigação são convocadas para compor o relato e confirmar o triunfo bem próximo da trajetória histórica do rio, que estaria concentrada entre dois marcos civilizatórios, o curral da pecuária e o “kW” da eletrificação, este último para o qual seriam catapultados os sertões por meio da construção de barragens. O trabalho editorial sobre as imagens dispôs e encadeou as fotos

⁶ Cf. EARP, Fábio Sá; PRADO, Luiz Carlos. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e distribuição de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (col. O Brasil Republicano. vol. 4).

⁷ FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

orientando a leitura e apontando para uma perspectiva histórica de domesticação da natureza e de prognóstico do tempo.

Esse olhar de cima sobre a natureza, que parecia ignorar variáveis sociais que estivessem para além da intervenção, prefigurava outras intervenções no rio e as legitimava para a sociedade, como era o caso da Barragem de Sobradinho, que já havia sido anunciada à época da matéria, mas cuja construção só teria início em 1973. Os repórteres haviam atentado para os problemas sociais suscitados pelo Projeto, o texto procurava, inclusive, reconstituir os diálogos entre os representantes do governo e os habitantes dos municípios baianos que seriam inundados pela Barragem, mas reforçando a ideia recorrente de que a mudança exigia certa dose de sacrifício, a fim de promover correções de rota, se não na sociedade, pelo menos na natureza, como preço a ser pago pelo desenvolvimento⁸.

Nesse sentido, uma foto feita por Jean Solari e visualizada em reprodução minúscula para ilustrar o tema da construção de Sobradinho se coaduna com a legenda, que diz o seguinte: “A foto de cima, ao lado, é de uma aldeia perdida nas caatingas de Sento Sé, Bahia, região quase deserta, sem nenhuma perspectiva: vai desaparecer sob as águas da represa de Sobradinho, que inundarão terras de quatro municípios. Um mar de 4.000 quilômetros quadrados no meio do sertão”. Sem figuração humana, a foto mostra apenas um pátio não calçado e poucas construções, conduzindo à leitura estereotipada de que o sertão era um “quase deserto”, o que minimizaria os efeitos devastadores da inundação ou justificaria a intervenção. Em conjunto com a fotografia da Barragem de Paulo Afonso, temos aqui uma antecipação das imagens de Sobradinho e o reforço do olhar historicamente construído de forma otimista sobre o que se considerava desenvolvimento.

2. O CINEJORNAL COMO IMAGEM DA PROPAGANDA OFICIAL

Em 1978, o cinejornal *Brasil Hoje*, de caráter oficial e âmbito nacional, fazia a cobertura da presença do então presidente Ernesto Geisel na inauguração da Barragem de Sobradinho. À circunstância festiva, vê-se que também compareceram o então Presidente da Câmara dos Deputados, o pernambucano Marco Maciel, o ministro de Minas e

⁸ FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*. p. 38-42.

Energia, Shigeaki Ueki, o ex-governador de Pernambuco Nilo Coelho, o ex-governador da Bahia e presidente da Eletrobrás, Antônio Carlos Magalhães, e o deputado baiano Lomanto Júnior. Num cenário de intervenção sobre o rio, a Barragem surge como espaço por excelência da conquista técnica que reconfigurava a paisagem, a presença dos políticos indicava as implicações políticas desse domínio técnico: concreto e água farta nas tomadas panorâmicas das obras, mãos que aplaudem o feito simbolizado na placa (Figura 2)⁹. Geisel afirmara, na ocasião: “a regularização das águas do São Francisco, permitindo geração contínua e ininterrupta de energia elétrica, traz igualmente vantagens para os programas de irrigação”¹⁰. Como parte da celebração da obra, seu breve discurso generalizava o tema da eletrificação, sem especificar se se tratava de Paulo Afonso ou de Sobradinho mesmo, e não mencionava temas problemáticos, como a navegação e as transferências dos habitantes dos municípios inundados de Sento Sé, Pilão Arcado, Remanso e Casa Nova. Assim como o discurso, as imagens, até então, pouco mostram o problema social surgido em torno dos deslocamentos, das indenizações e da disputa por terras, o que viria a eclodir, ainda no final dos anos 1970, na forma de uma agitação social que demandou a participação da Igreja católica, em favor dos deslocados, e a presença mais incisiva do Estado.

Como um complexo de natureza e cultura, produto da vazão fluvial instável – posto que suscetível a estiagens e chuvas – e do engenho humano que se propunha a vencê-las, a Barragem de Sobradinho aparece nas imagens e nos textos como evento condensador da história dos espaços do São Francisco. Essa história era pensada de forma cumulativa, e aquele momento viria coroar uma trajetória que vinha dos estudos do século XIX que buscavam no rio o fundamento da unidade da Nação, passava pelos discursos sobre a integração nacional no século XX e pelos projetos de idealizadores tão distintos como Delmiro Gouveia e os engenheiros topógrafos que haviam indicado a eletrificação como solução para os problemas econômicos da Região. Segundo um dos primeiros

⁹ BRASIL Hoje. n. 236. Produção da Agência Nacional. Brasil, 1978, Formato FLV (7:55 min), color. Disponível em: <http://video.rnp.br/portal/VMSResources/video.action;jsessionid=BCE1C549A372807F0D50EBE5F82FFC56?idItem=4297> Acesso em 15 de jan. 2014. Sobre o domínio do espaço pela técnica, cf. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2009.

¹⁰ O discurso do Presidente na ocasião foi divulgado posteriormente como um “improvisado”, cf. GEISEL, Ernesto. Improvisado em Petrolina – PE. Por ocasião da inauguração da Barragem de Sobradinho. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos-1/1978/47.pdf/download>. Acesso em 15 de jan. 2014.

engenheiros que estiveram à frente da CHESF, a eletrificação do chamado “rio da unidade nacional” faria de cidades como Recife a “São Paulo do Nordeste”, revertendo as disparidades regionais. Num sistema integrado de barragens que contava com a de Três Marias, em Minas Gerais, e de Paulo Afonso, Sobradinho concluiria uma etapa do desenvolvimento.



Figura 2

As autoridades inauguram a Barragem. In: BRASIL Hoje. n. 236. Produção da Agência Nacional. Brasil, 1978, Formato FLV (7:55 min), color. Disponível em: <<http://video.rnp.br/portal/VMSResources/video.action;jsessionid=BCE1C549A372807F0D50EBE5F82FFC56?idItem=4297>> Acesso em 15 de jan. 2014.

3. O OLHAR DO TURISMO

Por outro lado, o olhar do turismo se aliava à propagação da imagem da Barragem de Sobradinho, quando de sua conclusão, tornando-a digna de admiração por sua grandiosidade. Isso se via na iniciativa de um estúdio fotográfico local em começar a produzir e fazer circular cartões postais da nova paisagem. O estúdio se chamava ArtFoto Paulista, criado no final da década de 1950 pelo fotógrafo pernambucano Manoel Domiciano, que aprendera a fotografar com japoneses, em São Paulo, daí vindo o nome do estúdio. Ele decidira abrir seu estabelecimento em Juazeiro, na Bahia, para atender também à clientela de várias cidades próximas, como Petrolina e Senhor do Bonfim. Nos anos 1970, o ArtFoto Paulista era a principal casa comercial de produção de fotografias para todas as circunstâncias e ritos daquela sociedade: casamentos, festas públicas, documentos, imprensa, instituições do governo, cartões postais, cerimônias eclesiais.

Os cartões postais coloridos do ArtFoto Paulista davam a ver Sobradinho desde diferentes tomadas, como, por exemplo: uma visão ao mesmo tempo lateral e de cima, em que se pode ver a criação de uma nova paisagem que assombra pelo volume de água represada, num entorno semiárido (Figura 3); ou em tomadas frontais do lado em que o rio foi barrado e canalizado pela obra, podendo se ver a ondulação potente das águas borbulhantes contrastando com a faixa de concreto da intervenção humana. Como assinalado pela historiografia, o cartão postal frequentemente desempenha a função social de propaganda, de “viajar sem sair de casa”. Nesse caso específico, entretanto, ele não tinha exata ou somente um uso de memória em relação ao passado, a um lugar visitado do qual o artefato seria a “lembrança” material; o cartão postal, aqui, visava, antes, a favorecer o presente, a promover aqueles novos espaços e suas novas práticas, conotando beleza e disponibilidade da água abundante¹¹. Como recorte aceitável e legitimado do que era visível, um cartão postal não mostraria as ruínas das cidades abandonadas, nem mesmo aquelas que estavam sendo erguidas alhures, e, sim, uma vista exuberante que dialogava com as imagens contemporâneas da Cachoeira de Paulo Afonso: enquanto esta fora domesticada poucos anos antes por uma usina hidrelétrica, Sobradinho aparecia imponente como o sertão, “quase deserto”, transformado em mar, no cumprimento das profecias de Antônio Conselheiro.



Figura 35

ARTFOTO PAULISTA. Vista aérea da Barragem do Sobradinho. Juazeiro, [197?]. Cartão postal. 15x10,5cm.

História Cultural

¹¹ Cf. KOSSOY, Boris. O cartão postal: entre a nostalgia e a memória. In: _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 63-71.

O principal jornal a veicular notícias sobre as intervenções no rio, que tinha por título RIVALE (*Renovação e Integração do Vale*), e era organizado pela intelectualidade juazeirense, tinha grande interesse na promoção do turismo, considerando-se do lugar ocupado pela própria empresa à qual pertencia o periódico, que aparecia, inclusive, em seu nome completo, no expediente das edições: MAPROL – Mandacaru Promocional de Publicidade e Turismo¹². O jornal chegara a emitir um “apelo” pela integração da Barragem, cuja obra ainda estava longe de ser concluída, no circuito dos possíveis espaços a serem explorados pelo turismo:

Um dos assuntos predominantes em nossos meios, ultimamente, é, sem dúvida, o TURISMO. Todos sabem que o turismo é indústria, e que tem servido de fonte de renda para muitas cidades e Estados.

E nossa cidade, pode muito bem explorar o Turismo, motivação tem até demais: o nosso inigualável rio, a Ponte Presidente Dutra, o Vaporzinho, os Congos, Penitentes, o Carnaval de Juazeiro, conhecido em todo o país, enfim tomaríamos todo o jornal se fôssemos enumerar as atrações que oferecem nossa terra para o turista, sem falar na famosa Barragem de Sobradinho, no Projeto Bebedouro, e [a]té mesmo o Mandacaru, e a Gruta do Salitre, que muito pouca gente conhece, até mesmo os juazeirenses¹³ [maiusculo no original].

Convém ressaltar que o momento era favorável a esse tipo de olhar, pelo crescimento da cultura de consumo das classes médias, sobretudo nas cidades, com o maior acesso à televisão, à publicidade e às revistas ilustradas, cujo mercado se diversificou após a crise das revistas de abordagem generalista e o crescimento de revistas segmentadas como *Quatro Rodas* – que desde os anos 1960 produzia seu guia de viagens pelo país. Além disso, surgiam as políticas culturais voltadas para o turismo, em muitos Estados do Brasil, inclusive no Nordeste, por iniciativa da SUDENE, as quais ajudavam a ressignificar espaços como Sobradinho, que doravante serão submetidos também a esse modo de ver. Por outro lado, em espaços do interior como os do Vale do São Francisco, as viagens turísticas eram estimuladas pelo incremento do transporte rodoviário, que ganhava cada vez mais importância por conta da construção de estradas e de uma

¹² CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Juazeiro: s. e., 1978 [Versão digitalizada por OLIVEIRA, Albano de Souza. Salvador, 2012]. p. 143.

¹³ APELO. RIVALE. Juazeiro, ano II, n.º 63, 01/02 de dez. 1973. p. 9. Ver também: TURISMO. RIVALE. Juazeiro, ano IV, n.º 129, 22/23 de fev. 1975. p. 7. (Coluna Sobradinho é Notícia); TURISMO no São Francisco. RIVALE. Juazeiro, ano V, n.º 179, 06/07 de mar. 1976. p. 2; VIAGEM no Lago de Sobradinho. RIVALE. Juazeiro, ano VI, n.º 236, 12 de jun. 1977. p. 3.

atmosfera cultural que vinha valorizando a posse do automóvel entre as classes médias, como contrapartida do investimento na indústria automobilística¹⁴.

Assim, temos que a iconosfera que dava a ver as transformações dos espaços brasileiros, em particular do rio São Francisco construíra determinada visibilidade sobre a partir de uma ideia corrente de Nação e de seu desenvolvimento. O país era frequentemente pensado e mostrado como um progressista “canteiro de obras”, à revelia dos enfrentamentos vividos por diversos agentes sociais, como aqueles que viviam no meio rural, que pouco apareciam nas imagens ou eram representado a partir de estereótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERS, Svetlana. O impulso cartográfico na arte holandesa. _____. *A arte de descrever*. São Paulo: EDUSP, 1999.

APELO. *RIVALE*. Juazeiro, ano II, n.º 63, 01/02 de dez. 1973. p. 9.

BRASIL Hoje. n. 236. Produção da Agência Nacional. Brasil, 1978, Formato FLV (7:55 min), color. Disponível em: <http://video.rnp.br/portal/VMSResources/video.action;jsessionid=BCE1C549A372807F0D50EBE5F82FFC56?idItem=4297> Acesso em 15 de jan. 2014.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Deslumbramento e susto. In: _____. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Juazeiro: s. e., 1978 [Versão digitalizada por OLIVEIRA, Albano de Souza, Salvador, 2012].

EARP, Fábio Sá; PRADO, Luiz Carlos. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e distribuição de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (col. O Brasil Republicano. vol. 4)

¹⁴ Notamos o surgimento da temática no turismo e das práticas sociais a ele associadas no mesmo período e em outros espaços nordestinos. Cf. RABELO, Elson de A. *A História entre Tempos e Contratempos*. Dissertação (Mestrado). UFRN. Natal, 2008. p. 63-64. 136; SILVA, Jailson Pereira da. *Um Brasil em pílulas de 1 minuto: história e cotidiano em publicidades das décadas de 1960-80*. Recife: UFPE, 2010. p. 163. Ver também a matéria de capa publicada em 1977, sobre os desdobramentos de um seminário sobre turismo ocorrido em Juazeiro: EMBRATUR e CODEVASF incentivarão turismo. *RIVALE*. Juazeiro, ano VI, n.º 246, 27 de ago. de 1977. p. 1.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (col. O Brasil Republicano. vol. 4).

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FONTCUBERTA, Joan. *Indiferencias fotográficas y ética de la imagen fotoperiodística*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

GEISEL, Ernesto. Improvise em Petrolina – PE. Por ocasião da inauguração da Barragem de Sobradinho. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos-1/1978/47.pdf/download>>. Acesso em 15 de jan. 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MAUAD, Ana Maria. A inscrição na cidade. In: _____, *Poses e flagrantes. Ensaios sobre história e fotografias*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. vol. 23, n. 45, São Paulo: ANPUH/HUMANITAS, julho de 2003.

Realidade. São Paulo: Abril, ano VI, n. 72, mar. 1972.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2009.

SILVA, Jaílson Pereira da. *Um Brasil em pílulas de 1 minuto: história e cotidiano em publicidades das décadas de 1960-80*. Recife: UFPE, 2010.

TAGG, John. *El peso de la representación. Ensayos sobre fotografías e historias*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

TURISMO. *RIVALE*. Juazeiro, ano IV, n.º 129, 22/23 de fev. 1975. p. 7. (Coluna Sobradinho é Notícia).

TURISMO no São Francisco. *RIVALE*. Juazeiro, ano V, n.º 179, 06/07 de mar. 1976. p. 2.

VIAGEM no Lago de Sobradinho. *RIVALE*. Juazeiro, ano VI, n.º 236, 12 de jun. 1977. p. 3.